

A ESPECULAÇÃO COMO PARTE PRODUTIVA DO PROCESSO ECONÔMICO

MEDEIROS, Yuri Dayananda¹; LEITE, Elaine da Silveira²

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS – Universidade Federal de Pelotas – yuridayananda@hotmail.com

²Professora/Pesquisadora do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política – Universidade Federal de Pelotas – elaineleite10@gmail.com

1. DE CULPADOS PELA QUEDA DA BOLSA DE 1929 À PROFISSIONAIS DO RISCO ECONÔMICO

Este trabalho é o resumo de aproximadamente um ano de pesquisa sobre as origens das bolsas de valores e mercados futuros sob um ponto de vista sociológico e econômico. Como parte de um processo maior, onde se busca estudar como objeto central a figura do *trader*, o profissional do risco financeiro, era necessário fazer um resgate histórico das origens do que hoje se considera como profissão, desde as lendárias crises do surgimento das bolsas, das manias e folias populares, da especulação em massa, de onde emergiu o especulador profissional, especialista em “administrar” o risco econômico. Lembremo-nos que evitar o risco ou negar sua existência pode ser mais desastroso e caótico do que enfrentá-lo. O risco passa a ser considerado natural e parte essencial e inevitável do mundo dos negócios (EMERY, 1896).

Um dos responsáveis por essa transformação foi Charles O. Hardy, economista e vice-presidente do *Federal Reserve Bank of Kansas City*, que escreveu um dos primeiros livros sobre a teoria do risco. Ele enfatizava que a produção de conhecimento relativo aos riscos naturais e dos negócios era uma ocupação legítima, definindo os especuladores como “homens responsáveis, que antecipam os mercados e assumem o risco em suas costas” e argumentava que a finalidade das bolsas era sua habilidade de “transferir os riscos para os especialistas” (HARDY apud GOEDE, 2005, pag. 83). Ele refinou e quantificou o conceito de risco em inúmeras esferas, catástrofes naturais, acidentes, riscos inerentes ao mercado, entre outros, a partir da problemática das fronteiras morais, o que acabou tornando-se uma normatização e regulação da esfera financeira, com referências técnicas que definem os limites da especulação legítima, que lida com riscos inerentes à indústria.

Após a famosa queda da bolsa de 1929, os especuladores foram moralmente e subjetivamente “encontrados”, taxados e excluídos do mundo dos negócios, especialmente os *bucketshops*, antigas casas de apostas, onde se apostava na flutuação dos preços das ações das empresas, sem, entretanto efetivar comercialmente a transação através de um banco ou uma corretora. Com sua extinção, o campo estava “limpo”, frente à indignação popular diante de uma das piores crises econômicas da história da humanidade, que só viria a ser aliviada no período pós-guerra.

2. PESQUISA QUALITATIVA: ANÁLISE DE CONTEÚDO E ENTREVISTA

2.1 Análise de conteúdo

Segundo a autora Marieke de Goede, nos séculos XVIII e XIX, a falta de distinção conceitual entre "finanças", "apostas" e "especulação" tornou-se um grande obstáculo à respeitabilidade da profissão de *trader*. Certamente, a divisão entre finanças e apostas - com a especulação inquietamente localizada entre elas - está relacionada diretamente com questões sociais e morais relativas às bases legais para realizar lucros. Podemos citar o exemplo particular dos EUA, quando, na segunda metade do século XIX, houve um grande debate público sobre a legitimidade das bolsas de valores, mercados futuros e opções, o qual foi destaque nas páginas de jornais e revistas. Um aspecto especial deste debate eram os "*bucketshops*", casas de apostas onde o público apostava nos preços das ações sem realmente comprar a ação (tratava-se de uma aposta direta entre a casa e o apostador, em muitos casos, ações de ferrovias – decorrência do crescimento e expansão). Tal debate também ocorreu em nível jurídico e legal, e foi relevante, pois, inscreveu, objetivou e reinscreveu limites entre o mundo das apostas e finanças, em nível conceitual, alguns dos quais são utilizados até os dias de hoje¹. A autora afirma que, com o passar do tempo, através de um esforço político, cultural e legal, foi-se delineando os significados e limites da "esfera financeira", assim como o caráter e o comportamento típico de um "homem das finanças"; e que, na verdade, tal "demonização" das apostas serviu para **legitimar** sua réplica discursiva: a especulação (Goede, 2005).



Figura 1: *Bucketshop* em New Castle, Pennsylvania, Estados Unidos. 1908. Fotografia de George Elmer Fisher (1864-1953).

2.2 Entrevista

Nesse sentido, a pesquisa busca entrevistar operadores de bolsa de valores. Destaco uma entrevista com um antigo operador da bolsa de valores de São Paulo², Bovespa, o qual descreveu que o mercado tem suas próprias regras,

¹ Os contratos derivativos da atualidade ironicamente assemelham-se às práticas dos antigos *bucketshops* e são considerados "bons e viáveis para proteção do capital", representando operações financeiras absolutamente normais, como por exemplo, *hedging*...

² Direito de anonimato.

dentre as quais que “o mercado é um prostíbulo, pois desobedece suas próprias regras”. E que a especulação e a utilização de informações privilegiadas (e até mesmo combinadas para “captar” o dinheiro dos clientes) são comuns nos mercados atuais, mas que hoje vivem renovadas e delimitadas por um campo moral subjetivo. Principalmente, “são as corretoras e bancos que ganham dinheiro através das operações, e quem perde são os clientes destes mesmos bancos e corretoras”, conforme disse nosso entrevistado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está avançando a partir de diferentes hipóteses, a qual utiliza diferentes metodologias de pesquisa, de acordo com o problema:

Hipóteses:

- 1) O mercado tem um papel social? Condição negada pelo entrevistado. Comprovada apenas em panfletos de divulgação e anúncios da bolsa, *site* da bolsa, teóricos demais.
- 2) O mercado não tem nenhum papel social e serve apenas ao interesse próprio dos que deles participam. Condição: A ser verificada. Naturalmente, talvez isso seja um pressuposto.
- 3) O mercado é legitimado pela ética da liquidação. Condição: Comprovada através da metodologia de análise de conteúdo bibliográfico. Na prática, ao abordar o assunto com os agentes, parece algo abstrato.
- 4) O mercado financeiro brasileiro funciona numa lógica diferente do mercado internacional, pois o capitalismo é "aculturado" e possui a capacidade de adaptar-se às condições políticas específicas. Aqui, encontra-se mais ligado a uma cultura “rentista”. Condição: A ser verificada. No momento, a pesquisa avança na história das bolsas brasileiras, através dos seguintes livros: 1) A economia em Machado de Assis. O olhar oblíquo do acionista, de Gustavo H.B. Franco (2008). 2) A Revolução burguesa no Brasil (1975), de Florestan Fernandes (1975). 3) O encilhamento. Cenas contemporâneas da bolsa do Rio de Janeiro em 1890, 1891 e 1892, de Visconde de Taunay.
- 5) Existe um conceito de mercado financeiro próprio da Sociologia? Não podemos aceitar as definições de outras áreas como sendo únicas, pois possuem outros pressupostos teóricos (informação verbal³). Em sociologia, todos os mercados são construções sociais. A pesquisa retrocedeu um pouco para buscar o conceito de mercado, numa análise de conteúdo através dos seguintes livros (até o momento): A sociologia econômica, de Philippe Steiner (2005) e *The Handbook of Economy Sociology*, de Smelser e Swedberger (2005).

4. CONCLUSÕES

³ Aula do Prof. Dr. Pedro Robertt, do Programa de Pós-graduação em Sociologia, da UFPEL.

A pesquisa encontra-se em andamento, com previsão de ser concluída no segundo semestre de 2015.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. **A produção da crença – contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3ª Ed. Porto Alegre/: Zouk, 2006.
- COWING, Cedric. B. **Populists, Plungers and Progressives: A Social History of Stock and Commodity Speculation**. Princetown: Princeton University Press, 1890-1936.
- EMERY, Henry Crosby. “**Legislation against futures**”. *Political Science Quarterly* 10 (18): 62-86, 1895.
- EMERY, Henry Crosby. **Speculation on the stock and Produce Exchanges of the United States**. New York, Columbia University Press, 1896.
- GIBSON, Thomas. **The facts about speculation**. New York: Thomas Gibson, 1923.
- GOEDE, M.D. **Virtue, Fortune, and Faith: a genealogy of finance**. Minneapolis, MN: Borderlines, 2005.
- HAMON, Henry. **New York Stock Exchange Manual, Containing its Principles, Rules, and Its Different Models of Speculation, etc**. Connecticut: Greenwood Press, 1970 [1865].
- HARDY, Charles. **Risk and risk bearing**. Chicago: University of Chicago Press, 1923.
- MARTIN, H.S. **The New York Stock Exchange**. New York: Francis Emery Fitch, 1919.
- MARTIN, Randy. **An Empire of Indifference. American War and the Financial Logic of Risk Management**. Duke University Press: Durham and London, 2007.
- MOODY, John. **The Art of Wall Street Investing**. New York: Moody Corporation, 1906.
- NELSON, S. A. **The ABC of Speculation**. Vermont: Fraser Publishing, 1964 [1903].
- SINCLAIR, Timothy J. “**Between State and Market: Hegemony and Institutions of Collective Action under Conditions of International Capital Mobility**”. *Policy Sciences* 27: 447-466, 1994.
- TETT, Gillian. “Japan: Traders gamble on an anomaly”. **Financial Times Derivatives Survey**, July 17, 6, 1998.